

Aproximações e diálogos entre a Educação Musical e a Musicoterapia: o papel do educador

Milena de Queiroz Caramelo Oliveira

Resumo:

Este artigo propõe ao educador musical refletir sobre a possibilidade de ampliar sua formação, tendo como ferramenta a Musicoterapia que atuará como reforço interdisciplinar, preparando-o para os desafios que poderá encontrar. Através das experiências musicais do educando, o educador poderá agir de forma efetiva, atuando em suas necessidades e atingir suas potencialidades. Assim, o educador atuará como educador-terapeuta, um profissional diferenciado, disposto a ensinar, acolher e atender.

Palavras-chave: Educação musical; educador; Musicoterapia; experiência Musical; música.

Abstract:

The present article proposes to musical educator to reflect about his degree ampliation possibilites, taking musictherapy as a tool which will act as interdisciplinary draft, preparing him for the chalenges he might find. Through students musical experiences, the educator can act in an effective way, and hit all his potencially. Thereby, the educator will act like therapist-educator, a diferencial professional, willing to teach, harbor and attend.

Key words: Musical Education; educator; Music therapy; Musical Experience; music.

Introdução:

O desafio do educador é apresentar em seu ensino modelos de educação capaz de expor uma visão que se apresenta bem diferente do que tínhamos anos atrás. O aprendizado musical envolve a formação do indivíduo a partir de seu contato com a linguagem musical, transformando sua forma de sentir, agir e perceber o mundo. Koellreutter

(1990) acredita que somente um tipo de educação musical é capaz de reverter o quadro pelo qual passa o ensino musical: o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, de responsabilidade e sensibilidade. A partir disso, têm-se a importância do educador musical atualizar-se, utilizando novas fontes, possibilidades para um ensino eficiente, proativo, transformador, com permanente abertura para o novo. É importante valorizar o ensino musical utilizando novos formatos e novas metodologias, garantindo um ensino/aprendizagem eficaz.

A música é uma forma de linguagem, manifestação de arte, e exerce um papel importante na formação do ser humano. A música tem o poder de atuar através do som, ritmo, melodia e harmonia, desenvolver a sensibilidade, a inteligência, criatividade e expressão. Para o educador musical, a música é uma finalidade, atuando e investindo no potencial do aluno em aprender música, explorando o que cada um traz e de forma efetiva. As questões de saúde poderão ser trabalhadas através da música, pois a musicoterapia é um caminho para obter-se saúde, recuperar, reabilitar. Na musicoterapia, pode-se aprender a tocar um instrumento, desenvolver habilidades musicais, no entanto, este não será o foco.

Um profissional pode atuar nas duas áreas, porém com um olhar diferenciado. O educador com um olhar musicoterapêutico poderá desenvolver potenciais, restaurar funções, auxiliando para uma melhor qualidade de vida, através da prevenção ou tratamento. A experiência musical do indivíduo poderá equilibrar o mesmo e identificar necessidades, possibilitando sua melhora.

A música na formação do professor:

Os principais educadores musicais desenvolveram propostas de ensino conhecidos como “métodos ativos”, quando a experiência musical do aluno está centralizada na aprendizagem.

Alguns músicos do século XX comprometidos com o ensino da música são: Emile Jacques Dalcroze (1865-1950), Edgar Willems (1890-1978), Zoltán Kodály (1882-1967), Carl Orff (1895-1982) e Shinichi Suzuki (1898-1998).

Emile Jacques Dalcroze, educador musical suíço, foi o criador do sistema de ensino rítmico musical através do movimento corporal. Devido a uma falha percebida no ensino musical, Dalcroze propõe integrar a escuta e o movimento corporal através de um trabalho chamado "Rythmique", tendo como finalidade levar o indivíduo a uma escuta consciente e a um movimento, fazendo do organismo inteiro o que ele chamou de "ouvido interno". Aqui a música não é vista fora do corpo e sim como um integrante; as estruturas musicais são expressadas através de movimentos corporais como: correr, andar, caminhar, entre outros.

Edgard Willems que foi aluno de Dalcroze, sendo educador musical, teve como intuito trabalhar com a sensação, o ouvido, antes do

raciocínio; que “o preparo auditivo se dê anteriormente ao ensino de um instrumento musical, pois a escuta é a base da musicalidade” (Fonterrada, 2008, p. 139).

Seu sistema de ensino direciona-se a uma conscientização auditiva. Os aspectos que trariam esta consciência eram chamados de sensorialidade, sensibilidade afetiva auditiva e inteligência auditiva. Ouvir, sentir com liberdade e emoção, tornando a escuta consciente e com sentido, percebendo os sons que nos cercam. Estimular o amor e o interesse antes mesmo de teorizar, fará com que o indivíduo crie um vínculo com a música.

Zoltán Kodály, compositor e etnomusicólogo húngaro, junto a Bela Bartók, iniciaram um estudo sobre a musicalidade folclórica húngara, e de seus países vizinhos. O intuito de Kodály foi retomar a cultura húngara através do resgate musical. Essa atividade influenciou a educação musical por ter como princípio "o desenvolvimento da musicalidade individual de todo o povo e o manter da cultura musical natural, ou seja, fontes de tradição oral, conhecido posteriormente como Método Kodály" (Fonterrada, 2008, p. 154). Utilizava para isso o canto a fim de educar e alfabetizar musicalmente a todos. Seu objetivo foi alfabetizar a população e trazer a música para o cotidiano das pessoas.

Carl Orff, compositor e professor alemão, ocupou um lugar importante na área educacional da música por acreditar que a prática musical deve ser saudável e agradável. Seu sistema de ensino está baseado no ritmo, no movimento e improvisação, de forma simples e de fácil memorização, com muitas repetições e rimas, além de jogos. Segundo Fonterrada (2008), Orff acreditava que a música deveria ser desenvolvida no homem assim como a evolução humana segundo Darwin, pois pequenos gestos musicais, mesmo que inconscientes, ao longo do tempo se estruturam formando o homem – um estágio evolutivo musical segundo a capacidade humana. Isso mostra o porquê da utilização das escalas pentatônicas, uma vez que esta antecede a escala diatônica, e, por isso, é mais assimilável pelas crianças, com quem ele acredita poder desenvolver um trabalho sólido para aproveitar bem sua evolução desde a tenra idade. Instrumentos, como percussão, flautas doces e cordas, também estão inseridos no ensino musical de Orff.

Shinichi Suzuki, nascido em Nagoya Japão, era violinista e educador. Sua descoberta foi desenvolver a habilidade instrumental em crianças pequenas, mais precisamente instrumentos de cordas. Para Fonterrada (2008), Suzuki observou que se todas as crianças de seu país falavam japonês tão facilmente e de forma fluente, deveria haver algum segredo em seu aprendizado. Crianças podem aprender música do jeito que aprendem a falar a sua língua materna. Percebeu que havia poder no

estímulo dos pais e assim nasceu seu método. A criança tem tanto talento para falar quanto para fazer música, porém, deve ser exposta ao meio desde cedo, e isso seria um papel que os pais deveriam realizar. O método consiste em ensinar por meio de um estímulo auditivo, através do qual a criança deverá ouvir uma gravação até que esta lhe seja comum ao ouvido, e após ver e ouvir os pais tocarem, tentar reproduzir. Tudo ocorre através da imitação e repetição.

A segunda geração de educadores:

Assim como no ser humano, tudo se modifica, se inova, evolui, assim também no universo sonoro muito se é explorado, inovado, criado, transformado, sons naturais são gravados. A música eletrônica tem se destacado no meio da sociedade e novos instrumentos e notações musicais têm surgido. Assim como tudo evolui com o tempo, com o ensino da música não é diferente, talvez por este motivo os educadores da segunda geração façam parte deste universo de experimentos e transformações, provavelmente fruto do trabalho dos educadores que os antecederam.

George Self (1921), educador musical envolvido com a música erudita pós Segunda guerra, tinha como desafio levar os alunos a estudar música a partir do que havia de contemporâneo, e só depois estudar a música do passado. Com isso pretendia despertar o gosto musical por trabalhar com a música “atual”.

John Paynter (1931-2010), educador e docente da Universidade de Nova York, defendia a liberdade de criação. Com uma visão muito semelhante à de Self quanto à música do século XX, reproduzia e criava novos sons. A aula se tornava uma "oficina de experimentação", trabalhando as possibilidades de forma criativa para organizar os sons.

Boris Porena (1927), educador italiano, propõe desenvolver a escuta musical alinhada à música contemporânea e ao estímulo à criatividade. Seu trabalho é voltado para crianças.

Murray Schafer (1933), compositor e pedagogo canadense, interessou-se mais pela educação sonora do que musical, por isso propõe um resgate da qualidade sonora do ambiente. Como pedagogo e preocupado com o ensino, expõe a função do professor concentrando seu trabalho em três importantes áreas: perceber o potencial dos alunos, apresentar o ambiente sonoro não deixando de lado a parte estética, e as artes presentes.

Schafer (1991) afirma que todo o professor deve ensinar de maneira diferente, imprimindo no que se ensina sua personalidade, ampliando ideias, corrigindo, para um ensino efetivo. O educador deve procurar descobrir o potencial criativo das crianças para que possam se expressar livremente. Deve-se apresentar aos alunos de todas as idades os sons do ambiente; tratando a paisagem sonora como uma composição

musical, da qual o homem é o principal compositor; fazendo julgamentos críticos para uma melhor qualidade.

Estes pensadores marcaram a história da educação musical e ainda possuem um papel importante e desafiador no que diz respeito ao ensino da música, que está além da metodologia. Todos despertam no outro o prazer e o conhecimento da música, especialmente por trilharem novos caminhos. É a partir desse importante papel e desafios, que o educador musical deve buscar em sua formação ou extensão um diferencial, preparando-o para atender às necessidades do educando, independente da área de atuação musical.

Musicoterapia, Música e o Educador Musical:

Segundo Bruscia (2000), a Musicoterapia é um híbrido transdisciplinar de dois campos: música e terapia. Ao unir música e saúde como objetos de observação, pode-se dizer que a Musicoterapia é uma profissão transdisciplinar. “A Musicoterapia não é uma disciplina isolada e singular claramente definida e com fronteiras imutáveis”. Ao contrário, ela é uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia (Bruscia, 2000, p. 8).

Bruscia (2000) reitera que muitas são as definições de música em Musicoterapia. “Isso difere de autor para autor, podendo ser definida como “atividades musicais”, “elementos da música e suas influências”, “materiais musicais”, “experiências musicais”, expressão rítmico-sonora”.

Na Musicoterapia a música está além do som, e a experiência musical envolve uma pessoa, um processo ou produto musical. Utiliza-se a experiência musical que tenha significado para o paciente, podendo ser música pronta ou não, trabalhando com elementos como o timbre, ritmo, melodia, elementos não verbais. Segundo Mulin (2015), a utilização das experiências musicais ocorre através de uma investigação da história e perfil sonoro-musical, para saber qual a função e sentido da música para a pessoa em particular.

A experiência musical pode levar o indivíduo a uma reflexão através de reações, pensamentos e observações sobre si. Segundo Ruud (1990), a música é uma espécie de linguagem emocional, que atinge áreas da psique que são comunicadas claramente, e que a música através do não verbal tem capacidade de gerar afetos.

Pode-se afirmar que através das experiências musicais, o homem pode ser afetado de maneira tal, que caberá à música o papel de comunicar algo, que pode ser inconsciente ou consciente e/ou não verbalizado, isso poderá ocorrer através das reações ou percepções de uma pessoa.

Em aspectos psicopedagógicos, a música atua sobre a capacidade de atenção do educando, auxilia na maturação intelectual. A música

também auxilia na memória, tanto na aprendizagem quanto em sua representação levando a um conhecimento ou reconhecimento sonoro. O alcance da música traz benefício a todos.

A música em Musicoterapia nem sempre possui relevância estética ou artística, embora possam desenvolvê-la no processo terapêutico. A beleza da música vai além de suas estruturas e aparência. Quando um paciente necessita superar uma incapacidade para colaborar em um processo, o produto musical torna-se belo, não porque é perfeito, mas porque o produto final do paciente adquire beleza, Bruscia (2000).

Algumas considerações têm sido feitas entre a Musicoterapia e a Educação musical. Ambas se utilizam da música, consideram a experiência musical e o desenvolvimento humano, mas se diferenciam na atuação.

Para Bruscia (2000), o que distingue a Educação da Musicoterapia é o objetivo.

- A educação destaca a conquista de conhecimento e habilidades para benefício próprio, enquanto a terapia trabalha para atingir os déficits educacionais, ou problemas de aprendizagem que afetam diretamente a pessoa;
- Na educação musical, o objetivo do ensino musical é ter no aprendizado um fim; na Musicoterapia é um meio para alcançar algo;
- Na educação musical os objetivos primários são estéticos e musicais; na Musicoterapia o objetivo principal é de promover saúde e em segundo plano os objetivos estéticos e musicais;
- Na educação musical o mundo universal da música é compartilhado; na Musicoterapia o universo musical compartilhado é o particular da pessoa;
- Na educação musical, a relação professor-aluno envolve apenas questões musicais; na Musicoterapia, a relação paciente-terapeuta atinge questões de saúde podendo ser trabalhadas através da música.

Segundo Benezon (2008), as linhas entre Educação musical e Musicoterapia são tênues. A música pode exercer uma ação sobre o indivíduo sem que este tenha consciência do que está ocorrendo, embora no processo pedagógico musical, se perceba conscientemente o que está ocorrendo. Na pedagogia o pedido musical por parte do educando pode ser consciente, concentrando-se em uma necessidade sua. Na terapia, a disponibilidade do paciente diante da proposta terapêutica ocorrerá, permitindo que ele seja estimulado sonoramente.

Na música o educador possui um papel importante, e deve saber

lidar com as necessidades que sobrevirem, assim como o terapeuta a seu paciente. Segundo Benenzon (2008), alguns musicoterapeutas e estudantes de Musicoterapia, talvez por desconhecimento musical e pedagógico, acreditam que a diferença entre um educador e um musicoterapeuta é que o educador ensina e ao musicoterapeuta interessa curar. Mas, o que é ensinar? E o que é curar? E ao educador caberia perguntar: O que lhe interessa ensinar? O que fazer quando o aluno tem dificuldades que lhe impedem de aprender?

Para Gainza (1998, p. 47), “a pedagogia musical não pode consertar tudo”. Quando o educador passa a ter um olhar musicoterapêutico, o ensino musical deixa de ser um fim em si mesmo, iniciando uma relação entre o homem e a música. A partir disso, pode-se incluir na educação musical o olhar musicoterapêutico através do termo educador-terapeuta, já proposto por Passarini (2012, p. 142).

Trata-se de uma prática onde o aprendizado musical e o processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância, considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário; onde técnicas da educação musical e da musicoterapia se complementam; onde relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno considerando que o sujeito aprende sentindo e sente aprendendo, ou seja, o aprendizado é norteado pelo afeto e vice-versa; onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência (Passarini, 2012, p.142).

Mulin (2015) entende que o musicoterapeuta se utiliza da experiência musical para desenvolver potenciais, promover a organização, expressão, comunicação, relação, aprendizagem, necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais, cognitivas e estéticas.

Cada experiência possui características particulares, envolve um conjunto de comportamentos e habilidades perceptivas e cognitivas, sendo utilizadas de acordo com a necessidade do indivíduo. Assim como o musicoterapeuta estuda a experiência de seu paciente, cabe ao professor-terapeuta olhar a experiência de seu aluno, a fim de desenvolver suas potencialidades e atender às suas necessidades. O professor-terapeuta será um profissional diferenciado, podendo ensinar e ao mesmo tempo auxiliar o aluno, às necessidades que lhe sobrevirem, enriquecendo sua atuação quanto educador.

Educador musical – perfil e atuação:

Para um diálogo sobre a atuação e perfil do educador, faz-se necessário refletir sobre ensino musical e sua aprendizagem, sobre as práticas pedagógicas. Nem sempre a formação de um educador condiz

com a realidade de trabalho, não sendo possível prever o que encontrará pela frente. Mudanças têm ocorrido ao longo do tempo e em diversas áreas: social, pedagógica, comportamental, desafiando o educador a atuar de maneira diferenciada, levando-o a refletir sobre novas possibilidades, e como agir em diferentes espaços, contextos educativos e escolares. Frente a essas mudanças, o educador deve modificar seu olhar, ampliar suas possibilidades de tornar-se professor, construindo assim um percurso que o levará a compreender as necessidades e potencialidades do educando. Existe um grande campo para a atuação do educador musical, e a busca de novos saberes potencializará sua atividade em resposta a essas mudanças.

Sabe-se que o dever da pedagogia musical é músico-educacional, tendo em sua formação competência para tal, mas este poderá encontrar desafios e, para saná-los, necessita de ferramentas que estejam além de sua formação, ferramentas que viabilize a compreensão dos processos envolvidos em ensinar e aprender música, estando aberto a alternativas metodológicas que lhe servirão de recurso, preparando-o para os desafios que virão. A educação musical precisa conversar com outras áreas, a fim de enriquecer sua formação, criando pontes de diálogo. Não há como sustentar uma profissão se não houver o compartilhar dos conteúdos.

O ensino interdisciplinar nasce da proposição de novos objetivos, de novos métodos, de uma nova pedagogia, cuja tônica primeira é a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica. Para tanto, faz-se necessário a eliminação das barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que pretendem desenvolvê-las (Fazenda, 1999, p. 33).

Dessa maneira, a Musicoterapia pode contribuir na formação do educador musical, na construção de alternativas metodológicas atuando como reforço do ensino. Educar não é apenas passar um conteúdo, mas também resolver os conflitos.

O educador musicoterapeuta poderá se utilizar das influências da música como um recurso libertador, capaz de expressar aquilo que está internalizado, atuando de maneira intermediária, comunicando algo emocional, que poderá mais a frente ser verbalizado. A música atua podendo modificar comportamentos e fornecer benefícios a quem a escuta ou produz, porque existe uma relação entre ela e o homem, chamada de experiência musical. O educador musicoterapeuta viabilizará esse processo de maneira inconsciente, tornando-a consciente.

Considerações Finais:

A partir das ideias apresentadas, pode-se concluir que a Musicoterapia potencializa o ensino do educador musical, servindo de

reforço em sua atuação. Através das experiências musicais, o educador-terapeuta poderá auxiliar o educando em suas necessidades, ensinando, promovendo comunicação, trazendo a consciência o que está internalizado, atuando em suas dificuldades e limitações.

A música está além de uma experiência estética, pois música comunica, expressa, modifica, atua no corpo, na mente, promove saúde. Através de seu hibridismo a Musicoterapia pode atuar em diferentes áreas, incluindo a educação musical através do educador-terapeuta.

Que este artigo traga reflexões sobre a interdisciplinaridade entre o educador musical e a Musicoterapia, e suas possíveis atuações.

Referências:

- ALMEIDA, T. D.; CAMPOS, A. N. C. P. Educador-Terapeuta – Os benefícios do olhar do especialista em Musicoterapia na Educação Musical. *Rev. Bras. de Musicoterapia*, v. 15, n. 15, p. 43-56, 2013. Disponível em: www.revistademusicoterapia.mus.br/revistademusicoterapia152013.php. Acesso em: junho 2015.
- BENEZON, O. H. *La nueva musicoterapia*. 2. Ed. Buenos Aires: Lumen, 2008.
- BRUSCIA, K. E. *Definindo musicoterapia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BRUSCIA, K. E. *Improvisational Models of Music Therapy*. USA: Illinóis, 1987.
- FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FONTEERRADA, M. T. O. *Tramas e fios: um ensaio sobre musica e educação*. 2. Ed. São Paulo: Unesp, 2008.
- GAINZA, V. H. DE. *Estudos de psicopedagogia musical*. São Paulo: Summus, 1988.
- Jordão, G.; Allucci, R. R.; Molina, S.; Terahata, M. A. *A musica na escola*. São Paulo 2012. Disponível em: <http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/AMUSICANAESCOLA.pdf>. Acesso em: novembro 2015.
- KOELLREUTER, Joaquim H. *Educação Musical – Hoje e, quiçá amanhã*. São Paulo: Educadores Musicais. 1990.
- MULIN, P. B. *Investigando a experiência musical*. 2015. 276 f. Mestrado – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- PASSARINI, L.; AOKI T.; PREARO P.; ANDRADE A. Anais – XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia: A educação musical no desenvolvimento da criança: trilhas da musicoterapia preventiva, p. 139-149, 2012.
- RUUD, E. *Caminhos da musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.
- SCHAFER, R. M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

SEKEFF, M. L. *Da música, seus usos e recursos*. 2. Ed. São Paulo: Unesp, 2007.